

Dylia Lysardo-Dias
Universidade Federal de São João del-Rei



Resumé : Ce travail propose quelques pistes de réflexions sur les récits biographiques et met en évidence la dimension culturelle des narrations de vie qui circulent dans notre espace et dans notre temps. Ces récits dialoguent les uns avec les autres et dans ce dialogue, soit ils s’auto-légitiment, soit ils se juxtaposent car il existe chez eux un désir unanime et irréprouvable d’incarner l’étape ultime de la vie dont on essaie de faire un portrait. On considère que n’importe quel récit biographique est un mode d’appréhension d’une trajectoire de vie au milieu de tant d’autres possibles, inséré dans un jeu interlocutif qui mobilise des codes culturels partagés.

Mots-clés: Récit biographique, dialogisme, interlocution

Resumo: Este trabalho propõe algumas reflexões sobre os relatos biográficos, evidenciando a dimensão cultural das narrativas de vida que circulam no nosso espaço-tempo. Tais relatos, na diversidade de suportes e de formatação que os caracteriza hoje, dialogam entre si, ora legitimando-se mutuamente, ora se sobrepondo no desejo de ser a versão “última e definitiva” daquela vida que, ao ser relatada, se sobressai em meio a tantas outras. Consideramos que qualquer relato de cunho biográfico é um modo de apreensão de uma trajetória visível, em meio a tantas outras possíveis, inserido em um jogo interlocutivo que mobiliza códigos culturais partilhados.

Palavras-chave: Biografia, dialogismo, interlocução

Abstract: This article presents some reflections on biographical reports under a socio-discursive perspective which shows evidence of the cultural dimensions of the life reports which hover around our space-time. Considering that any biographical report is one way of apprehending a visible trajectory, among lots of other possible ways, we defend the idea that the biographical individual is inserted in an interlocutive game with different subjects that move projected images and shared cultural codes.

Key words: Biography, dialogism, interlocution

Filmes, livros, séries televisivas, reportagens jornalísticas. São várias as modalidades de relato biográfico que tem circulado em nosso espaço social como produtos culturais que dão a conhecer seres de suposto interesse, interesse

que, segundo Schmidt (2000), deve-se à individualidade humana. Cada ser é marcado por características peculiares cuja singularidade diferencia um dos outros e é capaz de despertar a curiosidade pelo inusitado e surpreendente que pode representar.

As editoras disponibilizam um número cada vez maior de biografias históricas, literárias e jornalísticas, se é que tal classificação é possível, levando-se em conta, sobretudo, a inevitável “ficcionalização” do real pelo próprio caráter representacional da linguagem.

Biografias se fazem presentes ainda em *sites* como o popular *Wikipédia* e o *Uol*, que apresentam *links* a elas dedicados. Sob a forma de perfis biográficos, são apresentados relatos sintéticos, dentro de uma vertente didática de mostrar seres que tenham algum tipo de notoriedade. É a biografia na sua instrumentalidade educativa e formacional de dar a conhecer figuras de destaque em diferentes domínios da vida social.

No cinema, igualmente, as narrativas biográficas se fazem presente não apenas em forma de documentários, mas também por meio de dramas que trazem para o público trajetórias de vida capazes de despertar o interesse dos cinéfilos. Um exemplo recente é a cinebiografia *A Dama de Ferro*, que narra tanto a atuação política de Margaret Thatcher, ex-primeira ministra da Inglaterra, quanto aspectos de sua vida pessoal e familiar e foi baseado em livro homônimo.² A atriz Meryl Strepp conquistou o Oscar de melhor atriz neste ano pela sua atuação como protagonista.

Há um canal de TV por assinatura, *The biography channel* (BIO), que se dedica exclusivamente a biografias com o propósito de “contar a vida de personalidades famosas, carismáticas e fascinantes que cativaram nossa civilização³”. Consta ainda no *site* do referido canal quem seriam tais personalidades: “estrelas de Hollywood, líderes do mundo, artistas, escritores, monarcas, desportistas, empresário, ditadores, vilões e muito mais”. Na TV aberta, séries televisivas de cunho biográfico, algumas baseadas ou inspiradas em livros, são cada vez mais frequentes, não apenas em ocasiões de celebração, mas na grade de programação regular como estratégia para alcançar o público telespectador, ora lançando novos atores e atrizes com notória semelhança física com o indivíduo biografado, ora explorando talentos já consagrados. A produção mais recente foi *Dalva e Herivelto: uma canção de amor*, uma minissérie apresentada no início deste ano pela Rede Globo de Televisão e que contou a conturbada história de amor de dois cantores brasileiros: Dalva de Oliveira e Herivelto Martins, que formaram um casal famoso da “Era de Ouro” do rádio brasileiro, não apenas pela atuação musical, mas pela tumultuada vida conjugal que se tornou pública através das canções que interpretavam. A minissérie teve como principal fonte a biografia *Minhas Duas Estrelas: Uma Vida com Meus Pais Dalva de Oliveira e Herivelto Martins* escrita por um dos filhos do casal, o também cantor Pery Ribeiro em parceria com Ana Duarte e publicada em 2009 pela editora Globo, editora pertencente à mesma organização da emissora de TV.

Programas de entrevista convocam personalidades celebradas e/ou pseudo-celebridades, que vão revelando, autobiograficamente, um pouco de si. Nos termos de Arfuch (2010:151), a entrevista *parece concentrar as funções,*

tonalidades e valores- biográficos uma vez que ela tem se revelado como um meio privilegiado de ter acesso ao *conhecimento das pessoas, personalidades e histórias de vidas ilustres e comuns* (id. ibdem). A entrevista é tanto o texto (auto) biograficamente elaborado, quanto pode se oferecer como uma importante fonte documental para a elaboração de outros textos biográficos. Em termos de produto midiático, outro aspecto a ser destacado é o baixo custo da produção de uma entrevista e as vantagens que ela pode trazer para o entrevistado em termos de promoção e divulgação de si e do seu trabalho. A vida vai sendo abordada nos seus aspectos mais nobres ou mais vulgares e inexpressivos, pois a finalidade maior, como toda a indústria de entretenimento, é captar audiência. O foco é a extraordinariedade, ainda que artificial e superficialmente construída. É a espetacularização profeticamente anunciada por Guy Debord (1997), que criticou a sociedade do espetáculo forjada pelo consumo excessivo que transforma tudo em mercadoria e pela banalização da cultura. O modo de vida e a maneira de se relacionar tornaram-se, segundo Debord, permeados pelo espetáculo das imagens e das aparências que se mostram e se saturam pelo excesso, o que leva a uma passividade e imobilidade já que o indivíduo se afasta dos acontecimentos da vida em favor de ícones midiaticamente produzidos.

A diversidade de suportes e formatação das narrativas de vida aponta para uma legitimação da biografia como um gênero plural de reconhecido valor mercadológico e cultural, o que corrobora a tese de uma atual *febre biográfica* (c.f. Dubrovsky, 2007). A abundância de relatos biográficos atesta uma contemporaneidade que valoriza a visibilidade do indivíduo e o exibicionismo. A rede mundial de computadores e as novas tecnologias de comunicação que dela decorrem expandem as possibilidades de trazer a público a intimidade, que se banaliza pela abundante exposição. As narrativas de vida adquirem outras configurações e novos modos de difusão que favorecem o alcance e a repercussão das mensagens. A vida de cada um é partilhada por todos e assim passa a pertencer à coletividade, esfacelando a separação entre o que é da ordem do privado e o que é do domínio público.

Conforme Thaïs Ferreira Drummond (2000), a biografia tem despertado um grande interesse por ir ao encontro do interesse e gosto por fofocas, e pelo sistema do individualismo contemporâneo. Nem sempre laudatórias, estas obras apresentam e, de certa forma, reconstroem, o percurso de vida, o legado, as conquistas e as relações que um ser humano estabeleceu com a sociedade da qual fez parte. Tem sido cada vez maior o número de publicações de obras sobre figuras ilustres, como políticos, empresários, intelectuais, artistas e celebridades em geral. Na verdade, há um verdadeiro *boom* editorial com o lançamento constante de obras biográficas e autobiográficas, muitas alcançando o topo dos livros mais vendidos.

A variedade de práticas biográficas remete à noção de *espaço biográfico* proposta por Leonor Arfuch (2010), que o define como sendo a confluência de múltiplas formas e gêneros já que a circulação narrativa das vidas públicas e privadas acontece nas dimensões interdiscursiva e intertextual. Isso porque as formas mais canônicas de textos biográficos convivem hoje com tantas outras formas de relatos biográficos. Relatos que dialogam e movimentam-se,

ora legitimando-se mutuamente, ora se sobrepondo no desejo de ser a versão “última e definitiva” daquela vida que, ao ser relatada, se sobressai em meio a tantas outras. Se, conforme afirma Mikhail Bakhtin (1992), o dialogismo é condição de constituição do sentido do discurso e o aspecto social é constitutivo da interação verbal, há um movimento explícito de retomada de dizeres e saberes outros que são incorporados e mobilizados. Obras biográficas dão origem a filmes e séries televisivas; reportagens jornalísticas apresentam a trajetória de vida daqueles que falecem ou são lembrados por ocasião de uma data especial. Um mesmo biografado, por interesses culturais ou comerciais, é objeto de diferentes modalidades de relato. E pode ainda ser objeto de mais de um filme, por exemplo, no qual cada diretor-biógrafo dá o seu tom e sua visão daquela personalidade, explorando algum aspecto anteriormente pouco comentado ou acrescentando algo desconhecido até aquele momento. Esse foi o caso da estilista francesa Coco Chanel: em 2009, o filme *Coco antes de Chanel* mostra a sua trajetória de vida da infância à morte; em 2010, o filme *Coco Chanel & Igor Stravinsky* focaliza o romance entre o músico, que era casado, e a estilista que o acolhe. Nesse entrelaçamento, a vida se revela como um rico tecido que rompe a tradição biográfica de sequenciar eventos do nascimento à morte. Mais que fases da vida, são construídas faces de uma vida, naquilo que elas teriam de comum ou de extravagante. A riqueza de uma existência revela-se na possibilidade de não reduzi-la a uma linearidade histórica previsível.

Na pretensão de registrar e fixar uma existência, os relatos biográficos assumem sua vocação memorialística, reconstituindo fatos anteriores ao narrar presente. O factual é reapresentado pela maneira como é atualizado, tendo em vista seus modos de inserção no contexto enunciativo daquele relato específico; o passado é reformulado pela repetição e adquire força simbólica. Ele se apresenta como um já-dito que possibilita novos dizeres por meio de um movimento de continuidade, que pode levar a uma naturalização, ou através de um movimento de ruptura, que tem origem na subversão do anteriormente estabelecido. De qualquer maneira, o biógrafo filtra o passado e o traduz conforme as contingências do presente, incluindo seus interesses individuais.

Como todo contador de história, esse sujeito que narra a vida alheia seleciona os dados de que dispõe (e que podem ter fontes diversas), organiza os eventos, relaciona dizeres e, planejadamente ou não, sugere um ordenamento e uma causalidade pertinente. É efetuado um trabalho de recriação, no qual o como dizer é tão expressivo quanto o que é dito. Do mesmo modo, o que é silenciado é portador de sentidos. E as escolhas, inerentes a todo sujeito enunciativo, revelam muito do biógrafo como um sujeito social que inevitavelmente assume um posicionamento: *Revela-se o biógrafo, o biografado e o espaço social no qual se inscrevem: são identidades em movimento e subjetividades que se manifestam muitas vezes por meio do que é silenciado* (Lysardo-Dias, 2010:10). Como autor de uma discursividade, esse sujeito biógrafo elabora uma trajetória de vida, que ele constrói como objeto inteligível e interpretável. Uma rápida observação do título de algumas biografias recentes permite verificar o perfil imputado a essa trajetória. O título, pela própria natureza, é uma síntese e na sua função de atrair os sujeitos destinatários, revela o ponto de vista assumido. A obra intitulada *O real Itamar: uma biografia*⁴, por exemplo, sinaliza que

trata-se de “uma” visão, deixando implícita a possibilidade de outros relatos. O termo “real” não remete apenas ao que é verdadeiro, mas sugere um destaque a uma das ações políticas de maior destaque propostas por Itamar Franco, que assumiu a Presidência da República, nos últimos dois anos e três meses do governo Collor, cassado pelo Congresso Nacional: a implementação de um plano de estabilidade econômico que mudou a moeda do Brasil para Real. A obra *Lula, o filho do Brasil*⁵, que deu origem ao filme de mesmo nome, abordou linearmente a trajetória de um nordestino pobre e cuja família extensa família seria chefiada pela mãe após o abandono do pai. Luiz Inácio da Silva, o Lula, tornou-se operário e sindicalista. Com poucos estudos, superou as barreiras impostas por uma sociedade preconceituosa e, após duas tentativas, finalmente elege-se por duas vezes Presidente da República pelo Partido dos Trabalhadores, partido que nunca havia assumido um cargo desta natureza. O livro *Cazuza: só as mães são felizes*⁶ apresenta o relato de Lucinha Araújo, em parceria com a jornalista Regina Echeverria, sobre vida de seu filho, o jovem cantor de música pop que morreu em 1990 em decorrência da Aids. É a mãe que refaz o percurso de um filho que tem uma vida regada a sexo e drogas; a mãe que admite ter custado a entender e aceitar aquele filho que foge aos padrões e expectativas de um menino da classe média alta carioca. A biógrafa segue um viés confessional pela posição que assume e pela proximidade com o biografado, o que funciona como garantia de veracidade. A obra foi transformada em filme dirigido por Sandra Werneck e produzido pela Globo Filmes.

Cada obra biográfica é disposta para circulação e dada a conhecer a outros sujeitos, instanciados como público receptor, destinatários a serem seduzidos como sujeitos interpretantes. A interpretabilidade destes sujeitos relaciona-se ao modo particular como cada texto situa-se em relação à factualidade atribuída ao dizer de ordem biográfica e suas circunstâncias de emergência.

O pacto (auto)biográfico ao qual se refere Philippe Lejeune (2008) tem a ver com os elementos que definem como o texto será lido em função do circuito enunciativo apresentado: na autobiografia, há uma identidade assumida entre narrador e personagem; na biografia, não há essa coincidência entre eles. Lejeune considera a existência de uma espécie de “acordo” entre o sujeito biógrafo e o sujeito leitor do texto no qual a função referencial é relativizada. O leitor deve reconhecer no texto elementos de uma história individual que está sendo contada para tomar o texto como uma narrativa biográfica e assim assimilá-lo; trata-se de uma construção de leitura que é feita em termos de enquadramento da obra a um gênero determinado. Quanto maior for o grau de elementos factuais, mais o relato será lido como “retrato” de uma vida; do contrário, a tendência é prevalecer a visão romanesca de um dizer altamente ficcional. Os biógrafos já conhecidos e aqueles que fazem dessa tarefa sua profissão gozam de credibilidade junto ao público e já tem estabelecida sua credibilidade e seu *ethos* de confiabilidade. Com isso já orientam um *horizonte de leitura* e um gesto de recepção que pode ou não ser mantido ao longo dos movimentos de leitura.

Jean Peytard (1980), ao discorrer sobre a comunicação literária, considera a leitura uma atividade relacionada a mecanismos internalizados. Segundo ele,

a leitura só se realiza a partir de certos códigos dominantes de uma dada sociedade, historicamente situada. Tais códigos são, a nosso ver, representativos dos saberes socialmente partilhados e tem a ver com a convencionalidade de certas representações e com a estabilidade de certos saberes, mobilizados a partir de certos dados situacionais. Para o linguista francês, as práticas de leitura se relacionam com os modos de consumo dos textos, inseridos que estão em uma rede de distribuição e difusão. Uma obra previamente denominada como biográfica será objeto de um tipo de leitura diferenciado de uma obra definida como “romance”; um filme classificado como documentário será recebido diferentemente de um filme categorizado como drama. Trata-se, portanto, de atribuir, de antemão, um determinado status para aquele texto que definirá seu impacto e seus modos de leitura. A proliferação de narrativas biográficas, como se vê atualmente, talvez vá alterando seus modos de recepção e o perfil do público que por elas se interessa.

Portanto, um relato biográfico pode ser lido como documentação histórica de uma vida ou como um texto literário, mais ou menos próximo de fatos da vida “real”. São diferentes modos de apreensão do texto tributários daquilo que se tem como conhecimento previamente adquirido e dos índices de leituras apresentados. Saberes enciclopédicos prévios e informações socialmente partilhadas são mobilizados como estratégia para apreensão de novos dizeres. Elementos como fotos, cartas, depoimentos, indicação do status profissional do biógrafo, seu possível vínculo com o biografado, por exemplo, podem tornar o texto acessível ao público e tentem a funcionar como relativa garantia de que ele será lido como desejava seu autor.

Essa questão nos remete a Mikhail Bakhtin (1992), para quem todo ato comunicativo é um elo na cadeia da comunicação verbal. Todo dizer se relaciona a uma anterioridade e projeta novos dizeres, em um movimento de diálogo contínuo. Os relatos biográficos datam da Antiguidade quando serviam como meio para a edificação de certos valores a partir de vidas tidas como representativas de uma moralidade coletiva exemplar (cf. Dosse, 2009) e que deveriam ser integrados como padrão de conduta. Com a cristianização, surgem as hagiografias que mantêm o discurso das virtudes agora colocando em cena valores religiosos. O gênero biográfico *Prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo edificante para educar* (Dosse, 2009:123), propagando rígidos valores morais e religiosos da época a serem incorporados como padrão de conduta de uma coletividade.

Hoje, prevalecem as biografias de celebridades, a espetacularização da vida privada, que seduz por satisfazer o desejo de conhecer a intimidade alheia. Trata-se de um outro modelo de vida que vai sendo forjado como uma condição de existência valorizada. É o retrato de uma época. A instantaneidade que marca a época atual produz histórias de vida para serem consumidas rapidamente, daí a centralidade da mídia. A complexidade de qualquer existência é enquadrada em esquemas simplistas e duais, marcados por julgamentos maniqueístas, que oferecem uma construção pronta e fechada do mundo. Outras subjetividades se instituem.

Se antes a morte justificava o registro de uma vida notória cujo fim apontava para término de uma existência, hoje cada vez mais o mercado editorial tem lançado títulos cujo biografado ainda vive e, muitas vezes, é jovem, como no caso de Justin Biber, biografado em 2011 aos 16 anos. De qualquer maneira, conforme sugere Villas Boas (2008:23), a biografia é uma *insubordinação contra a morte, fixação da vida*, que capta o passado, registra o vivido e testemunha uma existência. Contar uma vida é dar-lhe destaque, para o bem ou para o mal, é tirar aquele ser da indiferença, atribuindo-lhe um grau de notoriedade. Nos termos de Arfuch (2010:42), *contar a história de uma vida é dar vida a essa história*, o que revela a performatividade da atividade verbal e o impacto dos gêneros biográficos.

Lugar de memória, a biografia fixa o que a velocidade atual deixa escapar e tenta imortalizar, dentro de suas limitações, a finitude do ser humano.

Notas

¹ Este texto foi apresentado no Colóquio Internacional em Homenagem à Jean Peytard: um Precursor no Campo da Linguística Discursiva, realizado de 21 a 23 de março de 2012, no ICHS/UFOP- Mariana/Minas Gerais.

² De autoria de Richard North Patterson, lançado pela Editora Record.

³ Conforme <http://br.mibio.tv/the-biography-channel-latinoamerica.html>, acessado em 18 de novembro de 2011.

⁴ Escrita pelo jornalista Ivanir Yazbeck e publicada em 2011 pela Editora Gutenberg.

⁵ Escrita pela jornalista Denise Paraná e publicada em 2008 pela Fundação Perseu Abramo.

⁶ Publicado pela Globo Livros.

Bibliografia

Arfuch, L. 2010. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Ariès, Ph. 1977. *L'homme devant la mort*. Paris: Seuil.

Bakhtin, M. 1992. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Debord, G. 1997. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Dosse, F. 2009. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da USP.

Drummond, T. F. 1998. Ensaio biográfico e crítica da cultura. In: Antelo, Raul (Org.) *Declínio da arte/ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Abralic. pp.97-109.

Dubrovsky, S. 2007. Les points sur les "i". In: Jeannelle, J. L., Vollet, C. (Dir.). *Genèse et autofiction*. Louvain-la Neuve: Bruylant-Academie. Pp 07-37

Lejeune, Ph. 2008. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG.

Lysardo-Dias, D. 2010. Um estudo discursivo de perfis biográficos. In: *Anais do I Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá - UEM. v. 1. pp. 01-12.

Peytard, J. 1983. *La place et le statut du "lecteur" dans l'ensemble "public"*, *Semen* 1, mis en ligne le 21 août 2007, consulté le 06 décembre 2011. URL : <http://semen.revues.org/4231>

Schmidt, B. 2000. *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Villas Boas, S. 2008. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora UNESP.

<http://educacao.uol.com.br/>

<http://br.mibio.tv/the-biography-channel-latinoamerica.html>